

reportagem cultural

Anos de formação

Rafael Gloria, especial para o JC *

Paulo Scott nasceu em Porto Alegre, em 1966, tendo crescido no bairro Partenon, uma região cheia de ruas com nomes de escritores, como Caldre Fião, João do Rio e Paulino Azurenha. A área é considerada violenta, e até hoje é conhecida pejorativamente como Maria Degolada. “Então, o pai sendo policial civil era uma tensão redobrada”, diz. Mesmo assim, brincava, com cuidado, com alguns amigos na rua.

O autor reflete sobre os diversos graus de colorismo da sua família. “A minha mãe sempre deixou claro que nós éramos uma família negra, então, esse vacilo de identidade eu nunca tive. E eu acho que uma pessoa que não é de uma família multicolor nunca vai entender isso, porque as pessoas negras que são de pele clara muitas vezes não se sentem negras, mas isso também vai depender muito da sensibilidade de cada um”, diz. Muito da sua experiência está no celebrado romance *Marrom e Amarelo*, que era também como seu pai chamava ele e seu irmão, André, que é retinto.

Algum tempo depois, se mudaram para o outro lado do Partenon, em uma rua entre a avenida Bento Gonçalves e a Ipiranga. O ambiente era diferente, e ele recorda de só haver uma outra família negra vizinha na rua. Scott começou os estudos no colégio Padre Balduino Rambo. “Eu era uma criança que vibrava muito com a escola. Eu invariavelmente me apaixonei pelas minhas professoras, sempre, acho que até a quinta série do

ensino fundamental”, diz. Via na biblioteca um local perfeito para ser um refúgio e uma fonte de conhecimento. No colégio ia bem e era destaque entre os melhores alunos. E diz que sempre carregou uma exigência muito forte consigo. “Acho que uma das causas do meu sofrimento é que eu sou consciente das minhas imperfeições. Eu não tive como esconder isso, porque eu fui uma criança com uma gagueira muito evidente”, diz.

Mais tarde, Scott estudou no colégio marista Champagnat, onde concluiu o ensino médio. Ele lembra de sempre escrever. “Meus primeiros poemas são aos doze anos. Era assim uma ambição envergonhada, e tinha uma coisa de fraqueza, mas no Champagnat tive ótimos professores que valorizavam a literatura, então, escrever foi meio consequência. Lembro de uma ótima professora de redação que tive, e ela sempre dizia que o meu texto era confuso e atrapalhado. Então, esse meu modo de escrever está um pouco na minha genética, no meu DNA”, aponta. Scott continuou no mesmo campus na graduação, pois fez Direito na Pucrs, de 1984 a 1988.

Teatro, Arquitetura e até Oceanologia (mergulha desde criança, quando passava os verões em Garopaba, outro lugar marcante em sua trajetória) eram algumas das suas opções no vestibular, mas acabou na área jurídica. Na época da faculdade, começou a se envolver profundamente com política: acabou sendo presidente do DCE da Pucrs, militou no Partido dos Trabalhadores, foi assessor jurídico de Olívio Dutra, trabalhou em es-



Após infância marcada pela gagueira, Paulo Scott acabou desenvolvendo um estilo particular de escrita

critórios. Com o tempo se desfilou e virou crítico ao PT, até voltar a fazer campanha na época da eleição de 2018. “Eu era anarquista e ainda sou. E isso é muito louco, porque eu era anarquista e entrei pro PT e virei um socialista. E agora, depois da pandemia, eu volto a ser convicto de que o único diálogo capaz de evitar um mundo fascista é um

diálogo anarquista. De corte socialista, porque não dá para estimular o anarco-capitalismo, que é um bando de fascistas”, diz. Scott também deu aulas de Direito por muito tempo na Pucrs.

A trajetória literária começa com o livro de poesia *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos*

monstros, publicado pela editora Sulina em 2001, ainda sob pseudônimo de Elrodis, uma espécie de acrônimo do nome de seu pai, Elói. “Foi a cantora Simone de Costa Carvalho que me abriu os olhos para isso. Ela me disse que não era corajoso não querer publicar. Que o corajoso era se expor ao mundo”, diz.

LIVROS DO MAL/REPRODUÇÃO/JC



Ainda orangotangos | Paulo Scott

Primeira edição, com CD incluso, foi lançada com apoio do Fumproarte

Vinte anos de *Ainda Orangotangos*

Scott considera *Ainda Orangotangos*, publicado em 2003 um divisor na sua carreira. “Mudou a minha vida. As pessoas que não têm intimidade com a minha trajetória dizem que o livro que teve esse efeito foi o *Habitante Irreal*, que para muitos é a minha primeira grande contribuição literária”, diz. Mas, de fato, o livro de contos que se passa em Porto Alegre foi o que jogou a primeira luz sobre o autor, chamando atenção de editoras fora do Rio Grande do Sul. Entre elas, Isa Pessoa, que na época estava na Objetiva e o convidou para ser autor da casa. E ele permanece lá desde então, visto que a Objetiva virou Alfaguara, que foi comprada depois pela Companhia das Letras.

Na época, o poeta carioca Chacal estava procurando artistas para

um evento chamado Free Zone, que acontecia em diversas capitais. “Ele pediu para o Frank Jorge selecionar cinco grupos em Porto Alegre, e o Frank tinha me visto no Sarau Elétrico, convidado pela Kátia Suman, a primeira pessoa que me deu espaço público”, diz.

O músico chamou Scott para o evento e lá ele conheceu Daniel Pellizzari e Daniel Galera, sócios na Livros do Mal, que tinha surgido na cidade pouco tempo antes. “Me convidaram para publicar um livro de poesia, mas eu tinha um de contos. Na época, estava certo que ia sair na Conrad Editora, só que iria demorar cerca de um ano. Os próprios editores de lá me falaram para procurar a Livros do Mal, porque ela estava acontecendo nacionalmente”, explica. O livro foi lançado com

apoio do Fumproarte, junto com um CD, cada história acompanhada por uma vinheta diferente.

Em 2007, *Ainda Orangotangos* ganhou uma adaptação para o cinema. Gustavo Spolidoro dirigiu a produção, filmada em plano sequência. “O Scott deu uma grande liberdade pra gente criar, e eu sempre deixei claro que seria o meu filme, no sentido ser a minha visão do livro. Ele só pediu para ler o roteiro porque, como Scott é um autor negro, ele fazia questão de verificar se eu não estava cometendo nenhuma injúria racial ou equívoco de avaliação”, diz Spolidoro. Scott comenta que sentiu um estranhamento a primeira vez que assistiu ao filme. “Foi só na terceira vez que eu vi, quando já estava morando no Rio de Janeiro, que eu achei genial”, revela.